



## Opinião Econômica

Marcos de Vasconcellos

Jornalista, assessor de  
investimentos e fundador do  
Monitor do Mercado



# China desafia lógica da corrida da IA

Xi Jinping contraria expectativa e defende abertura e cooperação

Com 1,4 bilhão de pessoas, Produto Interno Bruto (PIB) próximo de US\$ 18 trilhões (R\$ 91,98 trilhões) e domínio em áreas como veículos elétricos, baterias e energia solar, a China ocupa menos espaço no nosso noticiário econômico do que deveria. Costumo repetir que se inteirar do que aconteceu de madrugada nos mercados asiáticos deveria ser uma das primeiras tarefas dos investidores que buscam oportunidades na Bolsa brasileira.

Na última sexta-feira (17), quando as Bolsas asiáticas voltaram a desabar, com o índice Shenzhen (China) recuando 5,25%, Nikkei (Japão) perdendo

4,03% e Taiwan despencando 6,47%, um discurso de cerca de 20 minutos em Xangai se tornou um documento essencial para quem quer entender os próximos passos da economia global.

O líder chinês, Xi Jinping, abriu a Conferência Mundial de Inteligência Artificial 2026 com uma mensagem que contrariou grande parte do mercado. Enquanto investidores esperavam sinais de uma aceleração da corrida pela IA, novos estímulos ao setor ou uma estratégia mais agressiva para criar campeões nacionais, Xi falou na direção quase oposta: abertura, cooperação e compartilhamento.

O ponto central do discurso

foi justamente o código aberto, temido pelos monopólios. “Devemos aproveitar esta rara oportunidade histórica para incentivar o código aberto, a abertura, a colaboração e o compartilhamento”, afirmou Xi. E complementou: “A IA não deve ser uma apresentação solo de um único país, mas uma sinfonia de cooperação internacional”.

A fala desafia a lógica da corrida de cavalos, que sustentou boa parte da valorização das empresas ligadas à inteligência artificial nos últimos anos. A tese dominante do chamado rally da tecnologia é baseada na escassez: poucos grupos conseguirão controlar os melhores modelos,

os chips mais avançados e a infraestrutura necessária.

Na prática, Pequim sinalizou que vai estimular a redução da barreira de entrada e pode diminuir justamente o valor da escassez, que hoje sustenta alguns dos maiores valuations do mercado.

Aumentam as chances de a inteligência artificial seguir menos o caminho da corrida espacial e mais o caminho da internet. E quem estava no mercado no ano 2000 lembra o que foi a bolha da internet, ou das “.com”. Não digo que a história esteja se repetindo, mas começa a rimar.

Durante anos, a China foi vista como um país que copia tecnologias desenvolvidas no

Ocidente. Hoje, o país lidera cadeias estratégicas da economia global. Concentra cerca de 80% da capacidade mundial de fabricação de painéis fotovoltaicos, segundo a Agência Internacional de Energia (AIE). Nas baterias para veículos elétricos, a China domina mais de 70% da produção global.

O caso DeepSeek mostrou ao mercado que modelos competitivos podem surgir com abordagem mais aberta e alta eficiência. A reação das Bolsas nesta sexta-feira mostra que investidores entenderam que talvez a maior ameaça às empresas que lideram a corrida da IA não seja uma concorrente maior, mas uma tecnologia mais barata e disponível.

A China não parece estar abandonando a disputa pela inteligência artificial, mas acaba de desafiar a lógica dessa corrida.

**Tá com crédito**

**Soluções de crédito com ótimas taxas.\***

Vai investir na sua empresa? Conte com crédito Banrisul.

\*Sujeito a análise de crédito.

Saiba mais:

**banrisul empresas**

## Inadimplência avança 0,28% em junho e atinge 83,7 milhões de brasileiros

/ FINANÇAS

Sofia Paiva

sofiap@jcrs.com.br

A inadimplência no País voltou a crescer em junho, depois da desaceleração vista no mês anterior. O número de brasileiros negativados avançou 0,28%, o que representa 234 mil novos CPFs e 83,7 milhões de inadimplentes no total. Apenas sete, das 27 unidades federativas, apresentaram queda no volume de consumidores negativados, com o Rio Grande do Sul dentre elas. No Estado, o número de inadimplentes caiu 0,11% ante o mês anterior, totalizando 4,1 milhões de gaúchos endividados. O levantamento foi feito pela Serasa Experian e divulgado este mês.

O economista e professor da Pucrs Rafael Disconzi observa a redução de inadimplentes vista no Estado como um resultado de fatores específicos da economia gaúcha. “Após os eventos climáticos extremos ocorridos em 2024 e as consequências ao longo de 2025, diversos programas de renegociação de dívidas, linhas es-

peciais de crédito, postergações de pagamentos e medidas de reconstrução contribuíram para reduzir temporariamente a pressão financeira sobre parte da população”, explica Disconzi.

Os gaúchos negativados somam 17,9 milhões de dívidas em aberto, ultrapassando os R\$ 33,6 bilhões. As dívidas com bancos e cartões lideram a inadimplência (27,08%), seguidas pelas instituições financeiras (18,49%) e pelos serviços (14,04%). Os bancos e instituições financeiras também lideram o ranking nacional, respondendo por 46,9% do total. A especialista em educação financeira da Serasa, Aline Vieira, aponta que esse fator está ligado ao comportamento do brasileiro em utilizar o crédito, muitas vezes, para contas básicas do dia a dia, como água, luz, gás e supermercado.

“Por isso a gente fala muito do crédito tomado com responsabilidade e com consciência, que o crédito tem que ser visto como um aliado e não como uma extensão da renda. O crédito é para que a pessoa consiga se organizar, ter um respiro e colocar as contas em

dia”, destaca a especialista.

Em nível nacional, os brasileiros acumulam 345,5 milhões de débitos que somam mais de R\$ 579,5 bilhões. O valor médio devido por consumidor chegou a R\$ 6.920,63, o que indica que cada inadimplente deve, em média, 4 vezes mais que o salário-mínimo. No Rio Grande do Sul o ticket médio é o quinto maior no Brasil, com cada inadimplente devendo em média R\$ 8.123,51.

Disconzi ressalta que, para a economia estadual, o elevado contingente de inadimplentes reduz a capacidade de expansão da demanda interna e limita o potencial de crescimento econômico do Estado. Ele afirma que, quando uma parcela expressiva da população possui restrições de crédito, ocorre redução do consumo de bens duráveis, menor contratação de serviços e postergação de investimentos familiares. Esse comportamento afeta diretamente o comércio, os serviços e parte da indústria voltada ao mercado interno. Setores ligados às exportações ou ao agronegócio tendem a apresentar menor sensibilidade

imediate à inadimplência das famílias, pois dependem menos do mercado consumidor interno.

Entre a população adulta, 50,9% dos brasileiros estão com o nome negativado. Já no Rio Grande do Sul, esse percentual é menor, de 46,5%. Em relação ao perfil dos inadimplentes, a distribuição por gênero é praticamente equilibrada: no Estado, homens e mulheres representam 50% cada, enquanto, no cenário nacional, as mulheres têm uma participação ligeiramente maior, com 50,5%, ante 49,5% dos homens.

Apesar do crescimento do mês no País representar o dobro de maio, que foi de 0,14%, junho ainda representa o segundo menor crescimento do ano.

“O que a gente tem visto é essa busca por educação financeira, interesse do consumidor em buscar renegociação e encontrar formas de poder quitar essas dívidas”, comenta a especialista da Serasa. “Cada vez

mais a gente tem feito ações, como os nossos mutirões de renegociação de dívida para que os brasileiros consigam entrar em contato com esses bancos e negociar suas dívidas com mais desconto”, aponta.

Disconzi agrega a discussão ao elaborar que a manutenção do emprego formal e o crescimento da renda real são fundamentais para ampliar a capacidade de pagamento das famílias.

“Outro fator relevante é a trajetória dos juros. Caso ocorra a continuidade do processo de redução das taxas de juros ao longo dos próximos meses, haverá melhora das condições de renegociação das dívidas e redução do custo do crédito novo.

Também será importante acompanhar a inflação”, defende. Uma inflação mais controlada preserva o poder de compra da população e reduz a necessidade de utilização de crédito para despesas correntes.

É o número total de endividados no RS em junho, um recuo de 0,11% sobre maio

**4,1 milhões**